



Retrato da «Gazeta do Dia»: Amanhã anda a roda!

GAZETA DO DIA



Ella, no sabbado, atirou-se sobre Portugal e as ilhas adjacentes, em numero fabuloso, apesar das cóleras do *Diario Illustrado*, do panico da Misericordia, do sobresalto dos cambistas, e das offensas á lingua portugueza. O publico estendeu as mãos ávidas sobre os jornaes; guardou-os como um thesouro, invocou a fortuna, e ficou-se. Passaram-se 24 horas de mysterio. Ao fim d'ellas a cidade estremeceu; os vendedores berravam pelas ruas: o—2:997, premio!—e o sr. Martins do Chiado, o ditoso, apertava contra o coração o fatidico numero!

O publico ficou fulo.

*

Mal o numero 2 poz pé na rua, Lisboa tomou-o de assalto. Os braços dos compradores eram como um pendulo, com um movimento fatal, do bolço das calças, para a mão dos garotos. Quem tinha comprado um numero passou a comprar dois; quem tinha comprado dois passou a comprar quatro, e assim successivamente até o infinito.

Se os nossos calculos não falham, a edição do 2.º numero da *Gazeta* devia ser de 99.999.999.999 exemplares!

Os gafanhotos do Egypto não eram mais numerosos! Como, porém toda a gente tinha comprado dois exemplares, alguém disse que o publico, n'aquelle dia — ficara sem vintem.

*

Os vendedores de cautellas foram ás nuvens. Caiu sobre elles o desprezo dos cinco milhões de habitantes de Portugal, e quando elles se aproximavam dos transeuntes sorrindo:

— Quer a grande de Hespanha? É uma cautella de pinto! São dois contos de réis!

O viandante respondia sempre com gesto desdenhoso:

— Já não como d'isso! Agora é *Gazeta do Dia*.

*

O novo jornal, soltando os primeiros vagidos, pôde conhecer quaes eram os seus amigos na imprensa e quaes os seus inimigos.

O *Diario Illustrado* fez-lhe uma *reclame* monstruosa. Dardejou sobre elle indignações, raios, metaphoras, reticencias, ambiguidades, tudo no valor de 2\$000 réis, pois lhe proporcionou com as

suas cóleras uma venda de 200 exemplares,—exactamente o numero dos seus assignantes da primitiva, d'elle.

A *Gazeta* accceitou o desafio

Em campo raso ou estacada

como diz Camões e saiu-se fallando em dignidade jornalística, em boa camaradagem, e em outras utopias. Lançou cheio de ingenuidade, sobre o amigo que melhor recommendava as suas qualidades de jogo d'azar, uma rhetorica abundante, e recolheu-se á rua do Calhariz n.º 9 1.º, cheio de gloria e de assignantes.

A parte sensata ao publico, essa fez a critica aos dois contendores com um simples e eloquente conceito popular:

— Cada qual pucha a brasa para a sua sardinha! Era verdade.

*

O *Diario de Noticias*, azedo com a concorrência que lhe vinha fazer o novo collega, manifestou mais uma vez a negridão da sua alma, dizendo pouco mais ou menos o seguinte:

«Publicou-se o primeiro numero da *Gazeta do Dia*. Declara não pertencer a nenhum dos partidos militantes, advogar os interesses do povo, e ter uma feição democratica.

Desejamos ao novo collega longa vida e prosperidades.»

Como todos os dias o *Diario de Noticias* publica uma local do mesmo theor e fórma, os assignantes quando lêem aquelle primeiro verbo passam sempre adiante.

E d'este modo o *Diario* ficou bem com Cezar e com João Fernandes, fazendo um terrivel mal ao segundo — e o que é mais — convencendo-o de que lhe tinha feito muitissimo bem.

A *Gazeta* agradeceu penhorada.

Já é!

*

A nova folha, além dos elementos de vida que todos lhe reconhecem, encerra em seu seio uma fraternidade, ora logica, ora hybrida. Por exemplo na administração, tem Apolinario de Azevedo e prego. Muito bem. Em metade da redacção tem Palha e Assiz. Optimo. Na outra metade porém, tem Biesster e Ramalho Ortigão. Isto é o que se não percebe. A linguagem incolor, vulgar, insulsa, ao lado do estylo vivido, poderoso, esplendido. O estylo é o homem, e nós temos procurado com o dedo Ramalho Ortigão n'aquellas pesadas columnas. Não o tendo encontrado, estabelecemos para nosso uso, o seguinte principio: Ramalho Ortigão entra na *Gazeta do Dia*, como Pilatos no credo.

*

Terminaremos dando uma noticia que hontem corria com insistencia pela cidade. O sr. Biester quer fazer da *Gazeta do Dia*, um *Figaro*.

Isto parece-nos difficil. Como porém o sr. Biester quer, tudo é possível. Vamos ter um *Figaro* finalmente! Só esta idéa nos faz estremecer de enthusiasmo. O sr. Biester não seja insensivel aos nossos rogos. Faça-nos um *Figaro*, porque não?

Contudo ao nosso espirito saltam algumas duvidas. Deve ser muito difficil fazer um *Figaro* em Portugal. Alem do sr. Biester, ha só um meio, e esse, ainda assim, bastante difficil: traduzindo-o.

Nós, porém, não desperamos. Tudo é possível havendo boa vontade—e o dictionario de Fonseca! Ah! se não existisse o dictionario—era preciso invental-o!



REFORMA

Pedimos hoje aqui uma reforma
Em nome de Lisboa e dos Algarves!
—Seja substituida a antiga norma!
Que o Rei assigne sempre d'esta forma:
—El-Rei de Portugal e dos Alarves.



Pelo facto da inauguração do caminho de ferro do Minho, o sr. Miguel Maximo tem uma actualidade palpitante. Elle foi o que mais contribuiu para o brillantismo da festa—em Villa Nova de Famalicão, com uma poesia original, que cauzou delirio; por isso vamos dar alguns traços biographicos de s. ex.^a.

Maximo. A biographia d'este illustre adjectivo encontra-se no dictionario de Moraes pag. 291 columna 3.^a linha 44. Maximo, *superlativo* — o maior de todos. Uns dizem que concorda com o substantivo Miguel, outros dizem que concorda com outro mais proximo — macho. Como o producto d'esta ultima concordancia é hybrido será bom estabelecê-lo com o primeiro. D'onde temos: Miguel Maximo. Ora Miguel Maximo, não pode ser outro senão o maior dos Migueis, o primeiro, isto é D. Miguel. Porém como D. Miguel I já morreu, segue-se que aquelle que no parlamento tem apparecido sob esta designação, e que ha pouco escreveu a poesia de que temos fallado, é menos verdadeiro;—por outra é apo-

cripho. N'este estado de incerteza tratamos de saber a verdade, e completaremos esta biographia declarando se Miguel Maximo tem uma existencia real ou se por acaso é um mytho. Villa Nova de Famalicão vae receber um officio nosso em regra, interrogando-a a este respeito muito seriamente.

No cazo affirmativo indagaremos logo os factos importantes da vida d'este poeta e dal-os-hemos aos leitores; no segundo a biographia de Miguel o Maximo ficará encerrada n'estes termos:

Miguel Maximo—Mystificação attribuida ao partido regenerador, com o fim de entreter a opposição, ludibriar as galerias e transigir com Famalicão rebelde, que a toda força dos seus pulmões e dos seus varapaus pedia:—garantias e Trovisqueira.



Uma vez o sr. Sampaio, ministro do reino, desenterrou uma historia tenebrosa de assassinato, e acusou d'esse crime na *Revolução de Setembro*, um ministro de estado, fazendo cair o ministerio.

Passados uns annos, o austero investigador da criminalogia clandestina, deu o braço ao homem que fulminára, e fraternisou com aquelles mesmos a quem pouco antes déra os mais degradantes epithetos.

Era a questão da *Cruz do Soutulho*.

Hoje a benignidade foi mais longe.

O mesmo sr. Sampaio condecorou, ha pouco, com o titulo de visconde de Val Bom, o seu accusado.

Abrem-se largos horisontes depois d'isto O sr. Sampaio dará de certo ao irmão do seu criminoso, o titulo de visconde de Val Melhor e reservará o de visconde de Val Optimo,— para a primeira occasião opportuna.



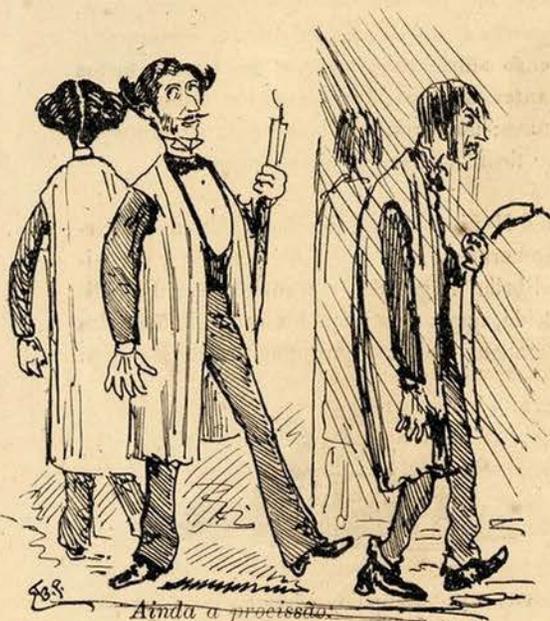
Algumas definições:

O que é porco? É o melhor substantivo e o peor adjectivo.

Marialva? Apoquentador de cavallos mansos.

Mulher? Um genero de primeira necessidade.

Homem? Um animal com dois pés, sem pennas, segundo Platão. (Diogenes depennou um gallo e apresentou-o).—Um pedaço d'asno, segundo o sr. Camillo Castello Branco.

COUSAS DE LISBOA, por **Bordalo Pinheiro**

Ainda a procissão.

Como elles saíram para o RAMORO.

Como elles voltaram.



Gazeta do Dia. Um terrível jogador de loterias, que não sabe lêr, e que, por dez réis de mel coado, joga em 600 n.^{os}



O rei da moda, o vassallo e o herdeiro presumpçoso da corôa.



Viscondes de Algrão, por C. de Lacerda
Excerpto:

— Nós sempre somos dois grandes malaquecos!
— Forte celebreira!

CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo



— Cresce e apparece...

ECCO DOS JORNAES



Diario de Noticias, diz:

«Pio IX escreveu a Dupanloup, bispo de Orleans um breve louvando a broxura que aquelle prelado publicou ácerca da maçonaria como um grande serviço á mesma, principalmente pelas definições que aquelle bispo dá fraternidade, da egualdade e das liberdades de consciencia, de cultos, e da imprensa que o chefe da egreja diz ninguem poderá deixar de considerar productos das officinas da maçonaria para destruição da ordem civil e religiosa depois de ler a citada broxura.»

Dezesete assignantes do *Diario de Noticias* morreram asphixiados por não poderem tomar a respiração durante a leitura. Só os gatos conseguiram

chegar satisfactoriamente ao fim, por não ligarem importancia á grammatica—e por terem sete folegos.



A Nação, diz:

«O *Catholico* escreve um primoroso artigo sobre as irmãs hospitaleiras de S. Patricio expondo a sua regra e o beneficio que d'ella provem aos enfermos etc.»

Oh! santo Deus! Como assim?



O Correio da Tarde, diz:

«Um jornal burlesco apresentou a caricatura do sr. ministro da fazenda exactamente como a arte christã representa a grande figura de Christo.»

Pedimos ao collega que nos diga se a arte christã representou a grande figura de Christo com as botas, o chapéu armado e o correio de secretaria no sopedaneio da cruz, para sabermos se Christo era um simples pescador de Nazareth, ou um alto funcionario publico, em dia de gala. Até aqui tivemos-lhe o nosso chapéu respeitosa-mente, mas de hoje em diante, se o *Correio da Tarde* não mandar o contrario, passamos a fazer-lhe continencia.



A Crença Liberal, diz:

«Publicou-se o n.º 2 da *Lanterna*.»

Não acrescenta recebemos.

Pedimos duas cousas á *Crença*: 1.ª que acredite que lhe temos enviado pelo correio com a maxima regularidade os numeros publicados; 2.ª que no caso de os ter recebido seja um pouco menos governamental, para ser um pouco mais bem erida, e diga — recebemos. — Se não quizer agradecer é o mesmo.



O Correio de Lisboa, diz que os correspondentes da *Nação* e do *Paiz*, e do *Diario Popular* passaram fome em Braga, e acrescenta que teem passado fome, passam fome, e hão-de passar fome, porque pertencem a partidos que a teem chronica e canina.»

Estas palavras repugnantes que ahi ficam, podem ler-se n'um dos ultimos numeros da folha semanal denominada — orgão do partido regenerador — e devem ser com certeza do punho do proprietario do jornal — o sr. compadre Tavares.

É o caso de dizer com Boccage:

«Por baixo põe teu nome e estou vingado.»

É o que fazemos. E desde esse momento o insulto transforma-se no maior dos louvores.

O odio dos compadres é ambicionado em Portugal por muita gente. Nós sonhamos com elle todas as noites, e não nos pouparemos a trabalho nem a despezas para o possuir. Pierre Veron diz que em França é no *odometro* dos tratantes que se conhece o valor das pessoas de bem; nós desejamos fazer a experiencia em Lisboa, — cidade de marmore e de granito.



Não quizemos fallar no leilão dos livros do sr. Teixeira de Vasconcellos, antes de estar terminado, para que se não suppozesse que era reclame.

Agora que tudo acabou vamos contar um episodio.

O pregoeiro tinha em punho as poesias do sr. Palmeirim, com dedicatoria.

— Vá meus srs.! Um volume de 200 paginas! Quanto dão?

— Seis vintens, gritou um dos assistentes.

— Seis vintens! É um ovo por um real. Um bom livro de poesias. Animem-se, meus srs.

E como auditorio se não animasse o pregoeiro julgou conveniente recitar um trecho.

— Oçam, meus srs.

«Era noite sem lua, sem nada!»

— Isso é do livro? perguntou o que tinha feito o lanço.

— É do livro, pôde verificar, exclamou o pregoeiro, animando-se.

— N'esse caso só dou cento e dez.



OS REIS

O ratão do Rei Antonio,

O ratão do presidente,

É o demonio

Não é gente.

Rei Antonio, Rei Antonio,

Quando tenhas agonias

Apega-te a Santo Antonio

E ao Zé Dias.

São tres reis que o povo ama,

Trez reis que o fazem feliz:

O primeiro é o Rei Antonio

O segundo é o Rei Bolama

O terceiro é o Rei Luiz.



Ha dias jantava um amigo nosso á meza redonda d'um dos principaes hoteis de Lisboa e reconhecia, com grande magua interior, que os acepipes tinham todos uma idade muito respeitavel. Aproveitando a occasião em que ao pé d'elle passava o creado, voltou-se e perguntou:

— Então o que ha de novo?

O criado julgando que se tratava de politica, respondeu ao pé da letra, muito sorridente e com a maxima verdade:

— Nada de novo; tudo velho!



Um jornal estrangeiro mencionava, ha tempos, as boas qualidades phisicas do sexo fragil, citando todos os paizes, á excepção de Portugal. Uma tinha os olhos, outra o cabello, outra os pés, outra a linha ondeante, outra o sorriso. Um jornal lusitano levantou a luva, e disse:

Como se trata de dotes phisicos não admira que a portugueza não venha mencionada; se se tratasse de qualidades moraes a portugueza seria a primeira.

D'onde nós concluímos, que as nossas patricias são uns monstros... de virtude.

Será verdade?



SCENAS

Dois unicos acontecimentos:

 A partida da companhia do Gymnasio para a provincia, e a primeira representação do drama *Os viscondes de Algirão* pelo autor actor Cezar de Lacerda.

Quanto ao primeiro só temos a dizer com uma poesia popular: (musica da Maria da Fonte)

Eia avante oh! mocidade
Eia, avante, e não temer, etc.

Quanto ao segundo temos a dizer mais alguma cousa.

Vamos resumir.

Summario do drama:

- 1.º acto — Que celebreira!
- 2.º acto — Já é celebreira!
- 3.º acto — Grande celebreira!
- 4.º acto — Homem que celebreira!
- 5.º acto — Forte celebreira!

 Como porém alguns dos nossos leitores, podem não perceber estas syntheses, por não terem visto a peça, vamos esclarecel-os.

 O visconde de Algirão é o typo do velho fidalgo portuguez. Tem um companheiro dedicado, que assistiu com elle ás batalhas, e pelo qual sente viva amizade. O companheiro chama-se *Caroxo*, e póde-se dizer com verdade, tanto para o auctor do drama, como para o visconde de Algirão, que é um cavallo de batalha.

 No meio d'um dos lances mais dramaticos o visconde de Algirão, tem uma idéa feliz que comove os espectadores. Manda apparellhar o Carochão... para ir para Africa.

O publico fica adsorto perguntando a si mesmo se por acaso o tal cavallo d'Acceiceira e d'outros pontos gloriosos será — cavallinho de pau.

 Em quanto o sr. Cesar de Lacerda fez peças simples, populares, sem pretensões, foi apreciavel. Depois que se lhe mettu em cabeça que a Italia andava traduzindo os seus dramas, e que o theatro devia ser enriquecido, assim, como a lingua portugueza, deu ao primeiro os *Homens e feras* e á segunda as palavras *agradabilidade, impressionabilidade, variabilidade, respeitabilidade*, etc. Depois d'isso o publico, tamando na devida conta os esforços do sr. Lacerda etc. tambem por vezes lhe tem dado alguma coisa. Nada mais justo.

O camarada vae apparellhar o cavallo e volta a dizer ao visconde, que o Carochão deu uma parrelha de coices e que depois de estender o pernil, esticou a canella.

Lagrimas.

(Cae o panno.)

 O procurador do visconde de Algirão procuro-o. O visconde veste a sua farda agaloada, cheia de commendas e só depois d'isso é que lhe vem fallar.

Forte celebreira!

 Lacerda ficára tão impressionado com o papel de inglez desempenhado no *Drama do Povo*, que se decidiu a criar um typo semelhante e dal-o a um actor secundario, o ex-carrasco de Luiz V XI. É escusado dizer que este actor vae tão bem aqui, como o sr. Cesar ia acolá.

Esta perfeição define-se com uma phrase, a proposito do *Drama do Povo*, no qual os francezes fallavam, portuguez — e o inglez gallego.

 El-Rei, depois de apanhar aquella enorme pancada d'agua, no dia do Corpo de Deus, apanhou tambem a pega do sr. Lacerda. E ainda ha quem se queixe dos reis!!

Disseram-lhe que não apparecesse a ver os *Lazaristas*, e elle não appareceu. Mandaram-n'o assistir aos *Viscondes de Algirão* e elle foi. Que bondade extrema.

Mas, se S. Magestade ainda convalescente do banho tivesse uma rechida com o drama, e deixasse o povo portuguez orphão?

Que tremenda responsabilidade para o sr. Lacerda!

A QUESTÃO DO THEATRO NORMAL



A esphinge — Qual será o OEdipo? Mysterio...



Lendo a magnifica poesia do nosso amigo e colaborador Guerra Junqueiro, um digno bacharel formado exclamou:

— Sim senhor! Muito bonitos versos! Rica coisa! Teem muita *pileria!*

Isto faz-nos lembrar o que se passava com Affonse Karz, quando elle pedia aos fiscaes do governo vigilancia sobre as farinhas falsificadas. Os jornaes transcreviam os artigos e accrescentavam:

Affonso Karr é o escriptor mais espirituoso da França!

EXPEDIENTE

A *Lanterna Magica* agradece á imprensa o acolhimento lisongeiro que lhe tem feito, e aproveita a occasião para convidar os desenhistas e caricaturistas portuguezes a apresentarem os seus trabalhos.

LANTERNA MAGICA

NUMERO 4—1.º ANNO

RUA DO PRINCEPE 23,—I. ANDAR.—LISBOA
AVULSO, 60 RS.

SABBADO 5 DE JUNHO DE 1875

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues
145—Rua do Norte—145.